

Um sinistro no mar.—Gravura de Coelho Junior.

O inverno passado de 1856 foi assignalado por extraordinarias tempestades, e grandes catastrophes maritimas. Não havia jornal que não viesse cheio de lamentaveis relações de naufragios.

No dia 1 de dezembro, no antigo porto de Marselha, a ressaca actuava com tanta força, que muitos navios incorreram em avarias felizmente ligeiras. Não foi porém assim no porto novo, onde o marulho attingiu tal violencia, que navios em grande numero ficaram gravemente avariados. Entre elles cita-se o magnifico vapor *le Gange* das *Messageries impériales*, que perdeu a parte d'avante.

A nossa gravura representa um d'esses passos de solemnissima angustia.

FRANKLIN, O NAVEGADOR

Que nome ha mais popular nos fastos maritimos dos modernos tempos do que o de sir John Franklin? Todo o mundo civilisado se interessou pela sua sorte, quando adivinhou que o illustre navegador ficára prisioneiro nos gelos do Arctico; toda a Europa chorou a sua morte, quando fataes indicios vieram do circulo polar a Inglaterra, denunciar o triste acontecimento: só uma dama, lady Franklin, a consorte fiel do audacioso nauta, não se dobrou á evidencia, e ainda hoje diligenceia encontrar, ao menos, o cadaver de seu marido! Heroicidade de mulher e de esposa!... Porém voltemos ao navegador.

John Franklin nasceu em 1786, e começou aos quatorze annos, como grumete, o seu tirocinio maritimo, á similhança de Horacio Nelson e de Jacques Cook.

Já se havia distinguido nos combates de Copenhague, de Trafalgar, e da Nova Orleans, e trabalhado corajosamente em uma viagem de descoberta á roda da Nova Hollanda, sob o mando do capitão Flinder, quando obteve o posto de tenente, e o commando de um dos navios da expedição de Buchan ao polo do norte, sendo ainda bastante joven.

Era em 1818. Buchan e Franklin largaram do Tamisa em busca das regiões de eterno gelo, capitaneando os navios *Trent* e *Dorothéa*, com destino de passarem ao norte do Spitzberg, buscando caminho directo para o estreito de Behring.

É preciso ler na narração de Beechey as terriveis peripecias d'esta viagem, para se avaliar dignamente a coragem sobrehumana e a placidez no meio dos perigos de sir John Franklin!

Depois de descrever os horrores d'aquelle tempestuoso oceano polar, o denodado maritimo, que tambem ia na expedição de Buchan, diz com soberba:

«Nunca a força moral do homem de mar foi sujeita a tão dura prova como n'estas circunstancias. Não posso occultar que me enchia de orgulho ouvir, entre as temerosas manifestações da natureza, a voz placida mas firme do commandante da nossa pequena embarcação, sir John Franklin, dando as neces-

sarias ordens, e ver com que presteza e precisão eram executadas pela equipagem.»

Nem entre as montanhas de gelo, nem em face dos maiores perigos, a disciplina afrouxava!

Os navios da expedição iam preparados, quanto o permittia a industria humana, para resistirem ao embate dos gelos, e até para tentarem abrir caminho por entre aquellas temerosas massas. Revestia-os exteriormente um segundo fôrro de madeira, de tres pollegadas de espessura, e eram especados por dentro com grossas traves de ferro, collocadas horisontalmente; as proas iam armadas de ferreos esporões. Havia a bordo d'elles todo o *confortable* possivel; bons viveres para tres annos, medicamentos em abundancia, e finalmente tudo quanto era possivel fazer-se para tornar menos penosa uma hybernação nas regiões polares.

Buchan e Franklin não poderam ir mais longe do que os navegadores do precedente seculo, e depois de tres mezes de agonia entre os perigosos gelos do norte, voltaram a Inglaterra.

Porém logo no seguinte anno foi escolhido o nosso heroe para coadjuvar o capitão Parry, que ia procurar a passagem do noroeste, do ponto onde Ross desistira, no estreito de Lencastre. Franklin era encarregado de dirigir uma expedição por terra, precedendo ou seguindo sobre os gelos a tentativa maritima. Além d'isso tinha instrucções para reconhecer as costas do continente a léste do rio Coppermine, e determinar as latitudes e longitudes d'estas regiões, com mais exactidão do que o fizera no seculo antecedente o seu primeiro explorador, Hearne.

Em maio de 1819 embarcou pois para a bahia de Hudson, que devia ser o ponto de partida da sua expedição terrestre; e só ao cabo de tres mezes da mais perigosa navegação, poude chegar á feitoria de York.

A sua primeira estação era o forte Chipewyan, posto avançado da companhia ingleza do commercio de pelles, sobre o lago Attapeskâ. Era ahi que a expedição devia completar-se, e organisar-se definitivamente. Trezentas legoas de gelo o separavam todavia d'esse logar.

Durante o penoso transito, um pedaço de rochedo em que poisava Franklin, destacou-se da montanha, arrastando-o com violencia sobre uma cataracta; porém o intrepido nauta teve a fortuna de se agarrar a um ramo de salgueiro, e pendurado d'elle sobre o abysmo das aguas, esperou corajosamente que uma barca viesse recolhel-o.

Franklin encontrou vasios os extensos armazens de Chipewyan; e logo que reuniu todos os seus companheiros europeus, poz-se a caminho para o forte da Providencia, descendo o rio da Paz e o grande lago do Captivo.

Ahi alcançou guias e caçadores para acompanharem a expedição, na tribu dos indios-cobreados, que trataram muito bem os *rostos-pallidos* (europeus). E marchou para o valle Coppermine.

No fim de agosto (1820) tinha transposto a cumieira, que separa aquelle rio do Mackensie, e chegando ás margens de um lago, resolveu passar alli o inverno que se aproximava, baptisando o logar com o nome de *Forte da Empreza*.

Pelo meiado de junho (1821) começaram a quebrar-se os gelos do lago de *Inverno* (que assim se ficou chamando aquelle), e Franklin querendo aproveitar a pequena estação em que é permittida a navegação, desceu logo com toda a sua gente o rio Coppermine, e um mez depois, tendo andado mais de cem legoas, poude em fim contemplar, do alto de uma collina, o oceano polar, semeado de ilhas e bancos de gelo.

Os esquimaus d'estes logares fugiam dos homens de Franklin, e os indios cobreados abalavam tambem, com medo dos esquimaus; de sorte que, a 18 de julho, a expedição compunha-se tão sómente de trinta europeus.

Apenas com mantimentos para quinze dias, este punhado de aventureiros confiou a vida a frageis barcos, sobre as vagas polares, que não tinham balouçado, até então, nenhum europeu, e dirigindo-se a léste do rio Coppermine, diligenciou encontrar caminho para a bahia de Hudson.

Depois de cinco semanas de trabalhos, durante as quaes descobriram varios archipelagos, estreitos e golphos, que conservarão para sempre os nomes que Franklin lhes poz, começando a fome a perseguil-os, e o inverno polar a annunciar-se, resolveu o intrepido explorador regressar ao continente.

A 22 de agosto emprehenderam a retirada, restando-lhes apenas dois dias de mantimentos, e achando-se separados mil milhas do forte da Empreza, primeiro logar onde Franklin esperava encontrar viveres. Póde calcular-se pois a fome que soffreriam, caminhando além d'isso sobre a neve, onde não podiam encontrar o mais insignificante sustento.

O dia 7 de setembro foi, relativamente, um dia feliz para estes homens isolados n'uma extremidade do mundo. Encontraram e mataram um boi-almiscarado, do qual comeram logo até os intestinos crus.

Uma tal fortuna não se repetiu n'esta penosa retirada polar; e os pobres viajantes ficaram reduzidos a comer o musgo dos rochedos, e alguma carcassa de gamo, com cuja carne os lobos se haviam banqueteado ha muito.

Quando, finalmente, o capitão Franklin chegou ao forte da Empreza, depois de seis semanas de continua lucta, tinha apenas comsigo cinco de seus companheiros; o resto tinha ficado pelo caminho, extenuados de fome e de cançaço.

O mais horrivel da situação, porém, é que estes seis homens encontraram o logar das suas esperanças completamente abandonado, e sem o menor soccorro!

Em tal extremidade, Franklin não hesita; toma comsigo dois dos companheiros, que ainda podiam mover-se, e com pelles de gamo queimadas por unica provisão, emprehende atravessar até ao forte da Providencia. No caminho, porém, rasga as alparcatas que lhe defendiam os pés, e não podendo seguir com a mesma velocidade os seus dois companheiros, que buscavam a salvação de todos, volta sósinho a tratar dos outros que ficaram no forte.

Chegaram depois alli o doutor Richardson, medico da expedição, e Hepburn, unicos que escaparam dos infelizes que ficaram á rectaguarda. E a 7 de novembro foram estes homens libertados d'aquelle horrivel isolamento, pela chegada dos indianos, enviados por Back, um dos audazes aventureiros, que precedêra o corpo da expedição em procura d'estes auxiliares.

A 11 de dezembro alcançaram o forte da Providencia e d'ahi os que restavam da expedição, Franklin, Richardson e Back, seguiram para o forte do *Impulso*, aonde passaram o inverno.

Só em julho de 1822 terminaram, na feitoria de York, a sua viagem polar de duas mil legoas, approximadamente, embarcando-se de novo para Inglaterra, sem terem tido noticia dos navios de Parry.

Parece que Franklin havia pago já um pesado tributo á geographia do Arctico, porém o destino arrastava-o para aquellas plagas malditas; e logo em julho de 1825 estava de novo o infatigavel explorador no forte Chipewyan, e, o que é notavel, com os seus ultimos companheiros de perigos e de trabalhos, o doutor Richardson, e Back!

Franklin havia sido encarregado de dirigir uma expedição, descendo do Canadá pelo rio Mackensie,

destinada a dar a mão, se podesse, a qualquer das duas expedições navaes que partiam ao mesmo tempo para o circulo polar, dirigidas por Parry e por Beechey.

A expedição terrestre foi invernar na margem occidental do grande lago do Urso, e a 28 de junho de 1826, deixando o forte *Franklin*, desceu pelo rio Mackensie para o oceano polar. Chegado ao delta d'este rio, o chefe seguiu um de seus braços com alguns dos companheiros, e Richardson capitaneou o resto navegando pelo canal opposto.

Na embocadura do Mackensie, Franklin e os seus foram assaltados e roubados por uma tribu de ferozes esquimaus. Pouco depois descobriram uma ilha selvagem a que deram o nome de *Garry*, e onde o capitão alçou uma bandeira nacional, bordada pelas mãos de sua esposa, expressamente para se erguer na primeira terra polar que o ousado nauta descobrisse.

Depois de ter navegado mais quatrocentas milhas para oéste, resolveu-se em fim a voltar ao forte *Franklin*, onde já encontrou Richardson.

Ainda outro inverno passado além do circulo polar, e vendo em roda de si congelar-se o alcool e o mercurio!... Só no outono de 1827 chegou Franklin a Inglaterra; e logo a sociedade geographica de França lhe concedeu a grande medalha de oiro, que adjudica annualmente ao auctor da mais importante descoberta.

Apesar de todas as recompensas recebidas do seu governo, que lhe permittiam viver feliz e honrado na patria, Franklin tentou ainda voltar ao gelos do norte, a buscar por entre as ilhas e rochedos, de que está semeado o mar do polo, a desejada passagem entre o estreito de Berrow e o de Bahring.

Fez-se de vela a 26 de maio de 1845, (para não voltar mais á patria!) levando ás suas ordens dois solidos navios, o *Erebo* e o *Terror*, capitaneados por Crozier e Fitz-James, com 168 praças de guarnição, e viveres para quatro annos.

A 12 de julho seguinte lançou ferro em frente da ilha groenlandeza de *Disco* aonde ha um estabelecimento dinamarquez. Poucas semanas mais tarde eram vistos, o *Erebo* e o *Terror*, por alguns balieiros, na bahia de Baffin, não longe do estreito de Lencastre.... depois mais nenhuma noticia; não se soube mais das embarcações, nem da sua equipagem.

O fim do intrepido nauta é um mysterio!

Em 1847 começaram as diligencias do governo inglez e dos amigos de Franklin, para saber do seu destino. O bom doutor Richardson lá foi, outra vez, descer o Mackensie em busca do seu antigo capitão. Ross, Kellet, Moore e outros, empregaram os maiores esforços em descobrir o rasto d'aquelles navegadores; porém debalde.

De 1850 em diante redobraram as diligencias. O governo inglez prometteu grossas sommas a quem descobrisse a gente do *Erebo* e do *Terror*; muitos particulares na Europa e na America armaram navios para esta philantropica cruzada, e lady Franklin (segunda esposa do navegador) equipou varios navios com o mesmo piedoso fim, sem attender a que arruinava a sua fortuna.

No inverno de 1850 a 1851, dois navios de vela e dois vapores, ás ordens do capitão Austin, outras duas embarcações sob o commando de Penny, o hiate do velho almirante John Ross, dois barcos americanos capitaneados por Haven, e o brigue *Principe Alberto* de lady Franklin, estacionaram no oceano Arctico, fazendo as suas tripulações toda a diligencia por encontrarem a gente do *Erebo* e do *Terror*.

Em 1852 continuou a exploração com seis navios de guerra inglezes, sob o commando de Belcher e Inglefield, mas com o mesmo resultado, sem se alcançar o menor indicio da expedição de Franklin.

A final, em 1854, chegou á Europa a noticia de que uns quarenta homens brancos haviam morrido de fome nos gelos do norte, depois de terem descido aos ultimos excessos do cannibalismo.

Seria algum d'elles o capitão Franklin? Ninguem já agora o poderá dizer; mas póde-se ter como certo que foi victima, como todos os seus companheiros, d'aquelle rigoroso clima.

O capitão Arat comprou aos esquimaus alguns objectos pertencentes ao commandante do *Terror*, Crozier, e outros que mostravam bem haverem sido da gente de Franklin.

Todavia, ha ainda poucos mezes que um navio de systema mixto partiu de Inglaterra para os mares do Arctico, por conta de lady Franklin, o modelo das esposas, e enviado por ella a proseguir a exploração.

Terminaremos com uma declaração, que julgâmos necessaria. Em grande parte estes apontamentos foram tomados da excellente obra de mrs. Hervé e Lanoye; plagiato indispensavel, visto que n'estes assumptos se não admitte a invenção do auctor.

F. M. BORDALO.

REI OU IMPOSTOR?

Chronica portugueza

III.

Não foi mui festivo em Portugal o dia de S. João Baptista, 24 de junho de 1758. Mais de anno e meio de supplicas e conselhos, do povo, dos grandes, dos generaes, dos ministros, dos embaixadores de Hespanha, não tinham conseguido desterrar do espirito do rei o projecto d'aquella infausta expedição a Africa. Em quanto a nação inteira gemia com tantos sacrificios, para que um moço fogoso e inexperiente convertesse em obra o seu destemperado capricho, D. Sebastião, desprezando os clamores e voz unisona do paiz, respondia-lhe com violentos preparativos de guerra. Entretanto as diligencias do monarcha pareciam encontrar por toda a parte a má vontade de todos. Os negocios não tinham a rapida expedição que elle desejava, e os resultados foram bem longe de corresponder ao seu empenho. Digam-n'o as poucas forças que conseguiu alistar, e o dinheiro que a custo obteve. Já seis mezes antes da expedição partir, tinha D. João da Silva, embaixador de Hespanha na côrte de Lisboa, calculado, e bem, o que D. Sebastião alcançaria.

Em 16 de janeiro de 1578, dando conta a Filippe II, das obstinadas recusas com que seu sobrinho desdenhava os conselhos de não passar á Africa, resumia n'estas poucas palavras a relação e a critica dos elementos com que elle queria aventurar-se n'uma empreza de tamanha importancia: — «Las fuerzas, que lleva, bien se pueden adivinar, que seran ocho, ó diez mil portugueses visoños, y forzados, (aunque elles hazen cuenta de doze mil) y los tres mil italianos, que llevanta em Florencia, que tambien seran visoños: los cabos de esta gente nunca vieron inimigo en la campaña; tan poco tiene cabeza superior, que gobierne su campo con alguna experiencia. En lo del dinero todavia le veo hasta seiscientos mil ducados, que parece se podran embolsar com alguna brevedad: doscientos y tantos de la contribucion de los christianos nuevos; ciento de los clerigos, otros ciento del asiento con aquel fulano Revelasca, y ciento, que los contratadores de su pimienta le compran de juro; y a esto se añade otro tributo, que pagará esta ciudad, y lo que mas pueda, que todo este junto im-

portará lo que he dicho, pero dase um barreno a la substancia de todo el reyno.»

D. João da Silva acertára no calculo. A armada em que mais tarde D. Sebastião se embarcou com o exercito para Africa, composta de oitocentas velas, galeões, urcas, caravelas, e outras, e que no dia 24 de junho 1578 descêra o Tejo, de Lisboa até ao convento de Santa Catharina de Ribamar, e no seguinte saíra a barra, e se entregára ao Oceano, não levava mais da dezoito mil combatentes; nove mil portuguezes; quatro mil tudescos, capitaneados por Martin de Borgonha, senhor de Tamberg; tres mil castelhanos, governados por D. Alonso de Aguiar; e seiscentos italianos, pelo marquez de Lenster, Thomaz Stukeley, inglez catholico.

Na primeira quinzena de julho, depois de tocar no Algarve, nas costas de Hespanha, e em Tanger, onde tomou a Muley Hamet com alguma da sua gente, passou a armada a fazer aguada em Arzilla, com o intento de seguir a Larache, e ganhar com esta praça um porto seguro para si, e uma base de operações para o resto da empreza.

Entretanto a agua que se podia recolher em Arzilla, nem dava para o consumo diario, quando se precisava d'um abastecimento ao menos para quatro dias, um que se gastaria na viagem, e tres na primeira entrada em terra. Em taes circunstancias a difficuldade era invencivel, e o considerar n'ella trouxe outra consideração não menos amarga, qual a difficuldade que tambem o mar e a boa defesa do porto opporiam ao desembarque em Larache. Foi tudo isto que resolveu o rei a desembarcar o exercito em Arzilla, e operar caminhando por terra.

IV.

Desembarcou em fim a expedição portugueza, e lá está acampada fóra de Arzilla, mas cerca dos muros da praça! Que de perplexidades, que de conselhos, sobre o caminho que levará agora! Alli a vêem os moiros e não se empenham muito em incommodal-a. Contam com melhor occasião, quando mais tarde se internar no paiz, e não tiver a retirada tão bem guardada pela praça, e pela armada que espera no porto.

Antes que a expedição se pozesse em marcha, apenas houve com os moiros do Maluco um recontro, de que lográmos victoria, a umas cinco legoas do acampamento, em que se levou quasi todo um dia, e que D. Sebastião não se esqueceu commemorar, como prenuncia d'outras victorias, na carta em que de Arzilla, a 26 de julho, o participava aos governadores do reino!

Era preciso marchar ao encontro do inimigo, sob pena de ter sepultura ingloria no mesmo acampamento, porque toda a demora prejudicava mais as circunstancias em que se achava o nosso exercito.

Ouvido conselho, escolheu D. Sebastião levantar campo, e dirigir-se a Larache, tomando primeiro pela cidade de Alcacerquivir, a nove legoas d'Arzilla, de oito a dez mil habitantes, porém mal fortificada, de que tencionava senhorear-se, e fazer d'ella ponto d'apoio.

Tudo está a caminho no dia 29 de julho. Movem-se mil e quinhentos cavallos, e vinte mil infantes, sem fallar nos gastadores. Quasi outra tanta multidão de gente inutil, mas dependente, acompanha o exercito. É mais um grande mal para elle; porque, augmentando o consumo, lhe abrevia os mantimentos, e em qualquer accidente multiplicará tanto a desordem e confusão, que tudo com ella será perdido!

Rompe a marcha, descobrindo campo, o adail de Tanger, com cem de cavallo. A infanteria marcha formada em esquadrões, repartidos em vanguarda, corpo de batalha e rétaguarda, em distancia que possam mutuamente soccorrer-se. Acompanhado da gente de Tanger, vae na frente D. Duarte de Menezes. O rei, assistido de Christovão de Tavora, e de Jorge Tello, que levava o guião, discorre com ligeireza por todas as partes, para prover o necessario. A cavallaria cobre os lados da infanteria.

Que pena ver alli arrastada a flor, a esperança de uma nação inteira, ao sacrificio sanguinolento d'uma guerra temeraria e impolitica; a mitigar com sangue a secura dos campos adustos d'Africa! A violencia obriga a maior parte dos que marcham: poucos vão seduzidos pelo fanatismo, pela complacencia, ou pela vontade independente: todos caminham a perder-se!

No primeiro dia pouco avançou o exercito. Teve que acampar no sitio dos Moinhos a uma legoa de Arzilla. O segundo acampamento, no dia seguinte, foi em Almenara, distante duas legoas da praça. O terceiro foi a tres legoas do segundo, entre tres caudalosos ribeiros, d'onde na manhã de 2 de agosto saíu o exercito em direitura a Alcacer, e antes de lá chegar, fez quarto alojamento no Sobreiral.

Caminham de novo. Depois de encontrados pareceres, porque Muley Hamet tinha caminhado com o corpo que commandava mais pela direita, em direcção á ponte do rio Almahazen, descobrindo cerca d'ella o inimigo, o grosso do exercito retrocedeu, e veiu passar pela ponte. Não teria ainda caminhado meia legoa além d'ella, quando se lhe apresentou um esquadrão inimigo de dez mil cavallos, cujo designio parecia ser accommetter a nossa retaguarda, que commandavam Vasco da Silveira, e Diogo Lopes de Sequeira. Conhecendo, porém, que nos preveniamos contra elle, retirou-se, deixando sem opposição que o exercito portuguez estacionasse n'um logar convenientissimo e coberto.

Muitos dos nossos, não menos que alguns transfugas do campo do Maluco, persuadiam D. Sebastião a que se demorasse n'aquelle ponto, que era posição vantajosa, e se não expozesse a perdel-a; esperando primeiro o fallecimento do Maluco, a quem a acção do veneno, propinado por um traidor, tinha já ás portas da morte. Dentro de um ou dois dias podia esse acontecimento pôr em confusão o exercito inimigo, e facilitar-nos a victoria. Entretanto, como a conselhos prudentes não sabia D. Sebastião responder senão com recusas e obstinações, no dia 4 poz-se em marcha contra o Maluco acampado defronte, cujo exercito era tão pequeno, que occupava um espaço de quatro legoas!

N'esta ordem de batalha vae a infanteria portugueza dividida em tres corpos eguaes. Na frente o esquadrão de aventureiros; á esquerda o terço dos italianos; á direita os arcabuzeiros veteranos de Tanger, os tudescos e os castelhanos. Segue-se o centro do exercito. Segue-se a retaguarda. Vão os carros e carretas junto dos esquadrões pelo lado esquerdo, levando no interior a bagagem. Na esquerda da cavallaria está o rei, esperando ser d'alli mais violentamente accommettido; na direita está o duque d'Aveiro. Segue-se-lhe o corpo de Muley Hamet, composto de mais de seiscentos moiros, duzentos e cincoenta de cavallo, e quatrocentos peões. Entre o esquadrão do rei e o dos castelhanos caminha a artilheria. Apartado do duque d'Aveiro marcha D. Duarte de Menezes, com mil e quinhentos cavallos, resto de toda a nossa cavallaria.

Começou em fim uma das batalhas mais sanguinolentas e encarniçadas de que ha memoria! No primeiro accommettimento entram o duque d'Aveiro, D. Duarte de Menezes, e Muley Hamet. São os moiros destroçados em todos os pontos. A retirada dos inimigos parece deixar por nossa a victoria, e assim o proclamam todos. Mas o Maluco refaz a sua numerosa cavallaria, e carrega de novo com tal impeto, que o exercito portuguez retira ás primeiras po-

sições. Parte de nossa artilheria é perdida, e retomada. Um corpo de quatro mil moiros nos disputa a bagagem, e D. Sebastião faz caminho por entre elles, com os seus poucos soldados, até chegar onde está o corpo dos aventureiros.

A desesperação peleja de ambas as partes. No exercito portuguez começa a reinar o espanto e a desordem. O rei esforça-se por evitar o progresso do mal. Impossivel! A infanteria resiste ainda com valor extraordinario, quando a cavallaria inimiga a envolve. Os moiros, superiores em numero, não sentem as perdas que a coragem de muitos dos nossos bravos fazem nas suas fileiras. No desespero do revez, desprezando a vida, D. Sebastião não fica atraz de nenhum cavalleiro. Correndo á solta, ora com a lança, ora com a espada, são bem visiveis os estragos que faz soffrer ao inimigo.

Perdida a bagagem, e já sem meio de pôr ordem nas reliquias do exercito, que todo vae acabando tristemente ás mãos do inimigo, são inuteis os conselhos dados ao rei para que se salve. Quando D. Nuno de Mascarenhas arvora um lenço na ponta da espada para chamar á pacificação, porque os moiros exigem as armas ao rei, D. Sebastião e o conde de Vimioso correm sobre elles, e entre a multidão desapparecem para sempre!

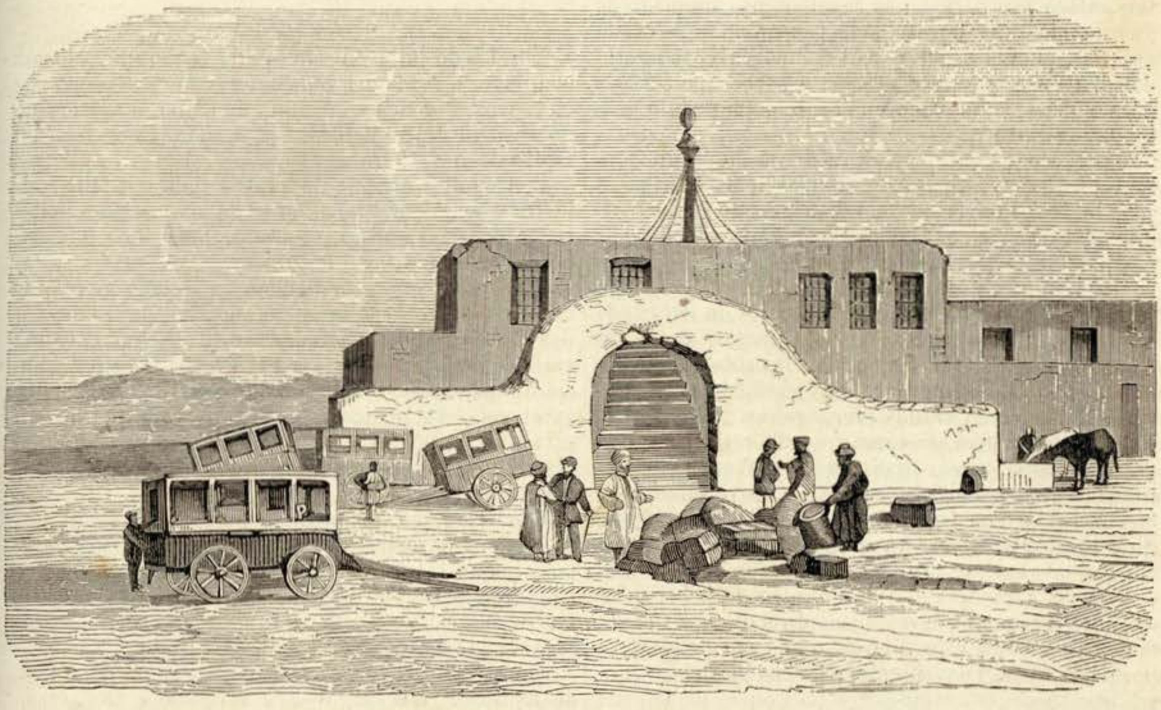
Desde então tudo foi horror e sangue. Quasi ambos os exercitos tinham desapparecido. A batalha acabou quando já não restavam combatentes. D. Duarte de Menezes, general do exercito, que ficou captivo, assevera que—«não escaparam d'esta violenta e crua batalha cem pessoas do luzido exercito de Portugal.»

A custa de que sangue, e de que perdas não ficaram os moiros vencedores!

Não tinham conto os mortos n'aquelle combate sanguinolento, que trouxera a perda de tres monarchas.

D. Sebastião, Muley Hamet, e Muley Maluco tinham todos pago a injustiça de suas tyrannicas ambições!

(Continúa).



Estação da estrada entre o Cairo e Suez.—Gravura de Coelho Junior.

Apesar da frequencia das viagens póde dizer-se que ainda ha seis annos o interior do Egypto não era perfeitamente conhecido. Tem-se adquirido noticias mais completas depois que o transito se facilitou para o transporte das fazendas, e para a jornada dos passageiros que vão á India ou de lá voltam; primeiro, pela estrada de posta atravessando o deserto do Cairo a Suez; e posteriormente, pelo caminho de ferro desde Alexandria, cuja primeira secção até ao Cairo está aberta e em exercicio desde o principio do anno passado, com tanto ganho em commodidades e poupança de tempo e despezas, que se faz essa jornada em sete a oito horas, quando pelos meios ordinarios e navegação do Nilo era mister gastar pelo menos tres dias. Com a segunda secção cortando o deserto, e prestes a concluir-se, fica inutilisada a estrada da mala-posta; a qual no entanto vae prestando grande serviço na velocidade comparativa, pois que por ella se andam bem tres legoas e meia por hora.

D'antes consumiam-se dois dias e meio na passagem entre Suez e o Cairo. O nosso official de marinha já fallecido, Lopes de Lima (vid. o seu *Itinerario*) percorreu esse espaço em 24 horas; e depois gastavam-se apenas 19 horas; hoje ainda menos, por quanto elevaram-se a quinze com outras tantas boas e promptas mudas as estações que a principio eram sete, e vem descriptas na *Viagem* de outro distincto official portuguez, intelligente e curioso observador, Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda, [1] tambem já fallecido.

A estrada a que nos referimos, onde as estações se acham agora collocadas de duas em duas legoas, excellente para as suas condições de construcção e localidade, foi feita sob a direcção de um dos engenheiros do vice-rei do Egypto, Linant-bey de Bellefonds, reinando Abbas-pachá, sendo começada ha cinco para seis annos. Os inglezes estabeleceram este serviço principalmente para os viajantes da India

[1] Esta interessante relação saiu primeiro em os n.os da *Revista Universal* dirigida pelo sr. Castilho (Antonio), e publicou-se em volume separado no anno de 1848 em Nova Goa.

que em Suez desembarcam dos vapores da companhia peninsular e oriental, e cruzam o Egypto o mais rapidamente possivel para ir tomar navio a Alexandria e voltarem para Inglaterra. Os vehiculos não são dos melhores, porque se attende mais á presteza da jornada e transmissão da mala da India, que deve expedir-se com a maior celeridade, do que ás commodidades dos viajantes. Nas estações acha-se bom conforto de camas e comidas. É natural que as cousas custem o triplo ou quadruplo do ordinario preço, porque seria absurdo e sobeja avareza querer pagar no deserto uma garrafa do Champagne pelo mesmo que em Paris.

N'estas estações, onde se descança com deleite e se respira o ar do descampado, só a construcção foi dispendiosissima, cumprindo trazer os materiaes de distancia de 15 ou 20 legoas. Não ha uma gota d'agua, isto não obstante os poços que continuamente se abrem; e como não se póde passar sem ella, a fundação das estações custou mui avultadas quantias e pesado trabalho.

A estação n.º 8, que fica a meio caminho, representada na gravura acima, é das melhores; e todas tem, afora os quartos e as cavallariças, um posto de guarda montado por soldados; em muitas se criam gazellas, animal esbelto, agil e innocente, tão agradavel á vista quanto é gostosa a carne que fornece para a mesa; pena é que não o tenham podido aclimatar na Europa.

Porém, a empreza colossal, digna do seculo presente, cuja investigação e estudos tem contribuido para melhor se averiguarem districtos do Egypto esquecidos ou mal conhecidos das gerações modernas; que poderia produzir incalculaveis vantagens para o commercio, ao movimento do qual não será ainda bastante o caminho de ferro; é o córte do isthmo de Suez por um canal navegavel, auxiliar ou antes complemento da via ferrea. Os trabalhos da commissão scientifica internacional, chamada pelo vice-rei, tem destruido muitos preconceitos e calculos errados, especialmente quanto á differença de nivel entre os dois mares, Mediterraneo e Vermelho; assiduos e bem elaborados estudos a moveram a fixar as conclusões constantes da sua exposição datada de 2 de janeiro de 1856. As suas memorias e as plantas que levantaram, provam que, sendo inadmissivel o traçado para Alexandria, considerado pelos lados technico e economico, o traçado directo, com um ramal para o Nilo, é preferivel, tendo por extremos o porto de Suez, convenientemente melhorado, e outro que se deverá estabelecer no golpho de Pelusia ou Tineh, em o Baixo Egypto.

Está demonstrado que o canal do isthmo de Suez não é uma utopia. Na antiguidade existiu um que communicava os dois mares pelo interior do Egypto, posto que em diversa direcção da que é ora marcada pelo isthmo. Esta idéa lavra ha annos renovada, como herdada dos seculos passados. Ha 18 annos escrevia o citado Claudio Lagrange:

«Ao tempo em que nos Deus levou a estes sitios, já se fallava no Egypto em pensamentos que trazia o vice-rei de unir o Mar-Roxo ao Mediterraneo, ou immediatamente por meio de um canal atravez do isthmo, que torne em ilha o continente africano, ou desentupindo-se a fossa de communicação com o Nilo, começada por Sesostris, continuada por um dos Ptolomeus, renovada por Trajano, e concluida por Amrou, e de que ainda restam fragmentos visiveis.»

Temos visto ultimamente a pertinacia de lord Palmerston em combater a execução de obra tão grandiosa e a todos os respeitos util, cujo projecto obtem na Europa geral assentimento, e só acha opposição no ministro inglez e poucos de seus clientes, sob o pretexto, manifestado frivolo pelos calculos da commissão, de que os lucros nunca compensariam as despezas e absorveriam e anniquilariam todas as vantagens. Presume-se, porém, que o motivo real da opposição nasce de receios, que o tempo mostrará infundados, relativamente aos dominios britannicos na Asia.

Não nos demoraremos por agora n'este importante assumpto, porque voltaremos a elle logo que tenhamos colligido as informações mais recentes. No entanto, concluido o caminho de ferro, restabelecer-se-ha a importancia commercial de Suez, que já foi emporio maritimo, como, além dos historiadores, se lê em o nosso Camões, que por gosto citamos:

> Vês o extremo Suez, que antigamente
> Dizem que foi dos heroes a cidade,
> Outros dizem que Arsinoe; e ao presente
> Tem das frotas do Egypto a potestade;
> Olha as aguas, nas quaes abriu patente
> Estrada o grão Moysés na antiga edade;
> Asia começa aqui, que se apresenta
> Em terras grande, em reinos opulenta.

M.

BÉRANGER.

Em 17 de julho ultimo, Paris communicava com eloquente e sentido laconismo por todos os seus fios electricos, a todos os confins do globo, a morte que na vespera lhe roubára o seu grande poeta nacional Pedro João de Béranger.

Poucos dias antes a imperatriz tinha visitado o illustre ancião enfermo. Depois da sua morte o imperador ordenou que se lhe fizesse honorifico funeral, e que o enterro fosse feito a expensas suas.

Mas quem era este homem, que nem as honras officiaes, nem as riquezas distinguiam, para merecer dos grandes da terra tão desusados obsequios? Quem era! De mais o conhecia a França, de mais o conhecia o mundo todo, como cidadão digno de ainda maior apotheose. As distincções publicas com que o honravam no transito á derradeira morada não eram mais do que a expressão da opinião e dos votos dos seus concidadãos.

Dando hoje n'estas paginas o retrato de Béranger, é tambem obrigação nossa acompanhal-o com algumas linhas sobre a vida d'esse homem virtuoso, e inspirado pelo patriotismo, que com suas canções tanto influiu no espirito da França, e captou a admiração de todas as almas generosas.

Em agosto de 1780, nasceu em Paris Pedro João de Béranger, em casa de seu avô, pobre alfaiate da rua de Mortorgueil. Ahi viveu até á edade de nove annos: tratado com indulgencia, passou sem trabalhar nem aprender cousa alguma, aquella primeira infancia. Quando o povo tomou a Bastilha estava ainda em Paris o moço Béranger. Dias depois d'esta victoria popular, cuja recordação quarenta annos mais tarde devia celebrar, saiu para Paronna, onde viveu com uma tia paterna, estalajadeira n'um dos arrabaldes da cidade. Foi lá que pela primeira vez sentiu, que se lhe abriam os olhos da intelligencia com a leitura do *Telemaco* e de alguns volumes de Racine e de Voltaire, que encontrou entre os livros de sua tia.

Na edade de 14 annos entrou como aprendiz em casa de Laisney, impressor em Peronna. Aprendeu então as primeiras regras da orthographia, da lingua, e da versificação, e começou a revelar-se a si proprio.

Aos 17 annos, já enriquecido com muitas noções uteis, mas com a cabeça cheia de sonhos poeticos, voltou á companhia de seu pae. Agora em Paris pela primeira vez lhe vem á idéa fazer versos, talvez em consequencia de ter assistido a algumas representa-

ções theatraes. Delineou uma comedia, com o intuito de ridicularisar os homens fracos e as mulheres ambiciosas, querendo tomar por modelo Aristophanes. Essa composição, que intitulára os *Hermaphroditas*, engeitou-a depois de ler Molière, renunciando para sempre a um genero tão difficil.

A satyra prendeu-lhe por algum tempo o espirito. Depois perdeu alguns annos em compor um poema epico intitulado *Clovis*, que mais tarde destruiu.

Pedro João de Béranger luctava contra a pobreza, quando teve a lembrança feliz de fechar as suas poesias n'um sobre-scripto e envial-as a Luciano Bonaparte, irmão de Napoleão, então primeiro consul. Luciano adivinhou o poeta, e tornou-se seu protector, auctorisando-o a receber e fruir o ordenado que tinha como membro do Instituto de França. Este beneficio nunca lhe esqueceu. Em 1833 dedicava a Luciano a sua ultima collecção de novas canções.

Landon empregou Béranger na redacção d'alguns volumes dos *Annaes do Museu*, e com recommendação de Arnault, Fontannes fel-o entrar como expedicionario na secretaria da universidade, onde permaneceu 12 annos. Foi ahi que rabiscou a *Gaudriole*, *Frétillon*, *Roi d'Yvetot*, etc. Só em 1812 é que começou a ser conhecido como poeta.

A sua admiração por Napoleão, o grande, logo nos primeiros dias da restauração, chamou sobre si a perseguição.

Nos Cem-dias offereceram-lhe o logar de censor, largamente retribuido. Rejeitou. A sua canção sobre a censura de Luiz XVIII, que logo mandou para o prelo, respondeu eloquentemente ao convite, e ennobreceu com mais um acto os seus sentimentos de coherente independencia.

Durante a restauração viveu em intimidade com Lafitte, Benjamin Constant, Bérard, Dupont de l'Eure, general Foy, e com Manoel com quem fizera conhecimento e amizade em 1815, a ponto de viverem juntos, até á morte do illustre veterano de Arcole.

Em 1821 tornou-se alvo de novas e mais vivas perseguições. Levado ao tribunal do Sena, e d'ahi ao tribunal superior, foi condemnado na multa de 300 francos, e em tres mezes de prisão. Esta condemnação, ao homem que já merecia o titulo glorioso de poeta nacional, serviu de augmentar-lhe mais a popularidade, e conquistar-lhe valiosos testimunhos da estima e affeição não só das pessoas mais distinctas, mas tambem do povo inteiro.

A prisão, que o não corrigia, inspirava-lhe novos cantos. Restituido á liberdade, continuou a ridicularisar os erros do poder, e a cantar as esperanças do povo.

Em 1828, no ministerio Martignac, a publicação de novas canções lhe acarretou mais nove mezes de prisão. *Le sacre de Charles le simple* foi uma que mais opprimiu o ministro de Carlos X, que determinou perseguir Béranger sob color de sedição e impiedade. O poeta foi ainda condemnado ás prisões de Santa Pelagia, e a pagar a multa de 10.000 francos. Resignou-se com imperturbavel philosophia, e propoz-se tirar o melhor partido possivel de taes circunstancias. Os seus amigos, que eram então muitos, tomaram o mesmo accordo, e com o pruducto d'uma subscripção pagaram a multa, e fizeram da prisão de Béranger uma verdadeira e continua ovação. A sua mesa era supprida com a maior delicadeza e abundancia. Os personagens mais distinctos levavam-lhe viandas, e vinhos delicados. As damas conduziam-lhe flores e fructos. Nos dias em que as auctoridades da prisão lhe permittiam receber visitas, todas as classes do povo corriam a vel-o. Até horas d'almoço todo aquelle cortejo era mais alegre e brilhante do que o que no palacio do soberano esperava o seu levantar da cama.

Em 1830 triumphavam as idéas generosas de Béranger. Os seus amigos eram poder, mas elle rejeitava-lhe as offertas, e cioso da sua independencia, conservava a mesma nobre pureza.

Em 1833 publicou as suas novas canções, que são anteriores a 1830. Depois d'ellas não deu á luz senão mais dez canções. Tinha-se proposto escrever uma biographia dos contemporaneos, mas deixou de trabalhar n'ella, por se assustar, dizia elle, do mal que teria a dizer dos seus amigos. A leitura das *Memorias* de Chateaubriand, levou-o a destruir as suas, que tinha começado.

«Béranger, diz *l'Illustration* de 25 de julho ultimo, cantou Manoel, La Fayete, Napoleão, e cada um d'estes homens lhe inspirou bellos versos; mas onde elle é verdadeiramente poeta, é n'esses pequenos dramas, em que pondo em scena um unico personagem consegue exprimir e resumir o sentimento nacional. Ao ler-se uma canção como a do *Vieux Sergent*, sente-se que a patria é musa e talvez que a mais eloquente de todas. É por estes poemas, unicos na litteratura franceza, e nas litteraturas estrangeiras, que Béranger viverá. Nas suas outras canções é frequentemente artista, e artista admiravel: n'estas é um grande poeta.

«Béranger disse, fallando de M. Lafitte, que elle era o unico homem do nosso tempo que soubera tornar a riqueza popular. Quem isto dizia guardava entre si outro segredo, ainda mais admiravel, que era ter sabido fazer a pobreza tão inesgotavel em beneficios como a riqueza. É uma justiça que até os inimigos lhe rendem hoje.»

Apesar do seu amor pela solidão Béranger foi procurado e tratado por muitos homens eminentes. Chateaubriand, Talleyrand, Thiers, Lamartine, Carrel, David d'Angers, Lamennais, etc. foram relações suas. A academia franceza offereceu-lhe uma cadeira, que elle não acceitou.

Em 1848 foi nomeado membro da commissão de recompensas nacionaes, de que faziam parte Lamennais, Paul de Musset, Guinard, Chevallon, etc., e eleito membro da assemblea constituinte por 204.471 votos dos eleitores de Paris. Só duas vezes foi á assemblea, e no dia 8 de maio deu a sua demissão, que a principio foi unanimemente rejeitada pela camara, mas em que elle presistiu a despeito d'isso.

O nome de Béranger ficará sendo um dos mais celebres, dos mais gloriosos, e dos mais puros do nosso seculo. David d'Angers, e Adam Salomon, a pintura, a gravura, a lithographia, a esculptura, reproduziram e popularisaram a sua physionomia benevola, e a sua fronte, morada de genio.

Depois de uma longa enfermidade colheu-o a morte na edade de 77 annos. Perrotin, seu editor, foi tambem o seu testamenteiro. Desejou que as suas exequias se fizessem sem alvoroço publico, e sem discursos. A policia imperial estimou poder vigiar o cumprimento de taes disposições, e tomou precauções para que o funeral não ultrapassasse as raias officiaes. Damos mate a esta pequena noticia com os pormenores do funeral do grande poeta, conforme os escreveu o *Pays, jornal do imperio*.

«Já muito antes da hora assignalada uma multidão espantosa se juntava nos *boulevards*, desde a rua *Montmarte* até á rua *Ménilmontant*. A rua de *Vendôme* e as convisinhas estavam tão cheias de gente, que a grande custo as pessoas munidas de cartas podiam chegar a casa do defuncto, ou á egreja de Santa-Isabel-do-Templo, onde a ceremonia religiosa devia ter logar.

«Ao meio dia todos os convidados estavam reunidos na casa do defuncto, d'onde o enterro partiu quasi immediatamente.

«Um magnifico coche, ornado de ramos de carvalho, de louro, e de coroas de perpetuas, conduzia os despojos mortaes do poeta.

«O lucto era levado por mrs. Benjamim Antier Perrotin, Prosper Vernet, professor de direito da faculdade de Toulosa, seus amigos, e por um official inferior do 1.º regimento d'artilheria, primo de Béranger, o unico representante da familia do poeta a esta ceremonia funebre, e um operario typographo, que se diz tambem pertencer á familia.

«Uma carroagem da corte, e nove carroagens de lucto seguiam o carro funebre.

«A casa do imperador era representada pelo general Cotte, seu ajudante. Os empregados da mesma casa, por M. Gauthier, secretario geral. A municipalidade parisiense, por mr. Merruau, secretario geral da prefeitura de policia, e pelo *maire* do 6.º bairro. O instituto tinha alli mrs. Thiers, Mignet, Villemain, Cousin, de Vigny, Saint-Marc, Girardin, etc.

«Deputados, conselheiros d'estado, litteratos em grande numero, assistiam tambem á ceremonia.

«A imprensa politica estava completamente representada: mr. Perron, pelo *Moniteur universel;* mr. Renée, pelo *Constitutionel* e pelo *Pays;* mr. Neffizer, pela *Presse;* mrs. Havin e Jouedan, pelo *Siècle*. Os outros jornaes tinham tambem enviado os seus redactores.

«A guarda a cavallo de Paris, com o seu coronel á frente, abria o cortejo, e acompanhava o carro funebre. A guarda de Paris a pé fechava o prestito. Tres regimentos de infanteria formavam allas desde a rua Vendôme até á egreja de Santa Isabel.

«Uma multidão espantosa se apertava á entrada das ruas por onde devia passar o cortejo, e não cessava de dar ao illustre poeta testimunhos da mais respeitosa sympathia. Gritos de *Vive Béranger*, e *Honneur à Béranger* saudavam por toda a parte a passagem dos seus despojos mortaes.



Béranger.—Gravura de Coelho.

«As janellas das casas situadas no transito estavam litteralmente carregadas de gente.

«O prestito chegou ao meio dia e um quarto á egreja de Santa Isabel, que estava toda armada de negro, e guarnecida de escudos com as iniciaes de Béranger.

«O interior tinha a mesma armação até á altura dos frisos. Uma cercadura d'estrellas brancas guarnecia a nave. Escudos com a cifra do poeta alternavam com grandes coroas as perpetuas, sobre o fundo negro das sanefas.

«Na extremidade da nave, ao pé do altar-mór, se elevava uma magnifica eça, semeada de lagrimas de prata, e cercada de lampadarios e tochas accesas.

«Mr. Jousselin, prior de Santa Isabel, rodeado de todo o seu clero, veiu receber o corpo á entrada da egreja, e conduzil-o em procissão até á eça.

«Os córos da egreja da Magdalena tinham-se reunido aos de Santa Isabel, para a celebração da missa.

«Depois da *absolvição*, o corpo foi conduzido em procissão pelo clero até ao carro funebre, e o cortejo dirigiu-se para o cemiterio do Pére-Lachaise.

«Por todo o transito a multidão era immensa, dando sempre signaes de respeito na passagem do cortejo. Os gritos de *Vive Béranger*, *Honneur à Béranger*, repetiram-se desde a rua de Santa Isabel até ao cemiterio. Nunca porém se manifestou a menor apparencia de desordem. A circulação era livre por toda a parte, á excepção das ruas atravessadas pelo cortejo.

«A entrada do cemiterio, uma immensa multidão, grupada no *boulevard* exterior, esperava a chegada do cortejo.

«O corpo foi depositado no carneiro sobre o qual deve collocar-se o monumento erigido á memoria de Béranger.

«Conforme a vontade do defuncto, não se pronunciou discurso algum.

«As pessoas do cortejo e a multidão retiraram-se na melhor ordem.»

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 P.